

A construção da identidade e a fragmentação do sujeito pós-colonial em *A Raisin in the Sun*

Mestrando Rafael Machado Guarischi¹ (UERJ)
Mestranda Marcela Iochem Valente² (UERJ)

Resumo:

O presente trabalho possui como objetivo analisar a construção da identidade do sujeito pós-colonial na peça A Raisin in the Sun, da autora Afro-Americana Lorraine Hansberry. Com base em conceitos teóricos como pós-colonialismo, diáspora, hibridização e discurso colonial, o trabalho terá como foco principal de análise a personagem Benetha, cuja identidade se mostra totalmente fragmentada e em constante busca pelo seu “eu”. Contudo, é importante frisar que não ignoraremos outros personagens e elementos da referida obra. Para que possamos realizar tais análises, trabalharemos com autores consagrados dos Estudos Culturais, como Stuart Hall, Homi Bhabha, Jean Paul Sartre e Henry Louis Gates Jr. Ao final, pretende-se chegar a uma correta articulação teórica entre os conceitos supracitados, além de uma aplicação dos mesmos na peça que é objeto desse trabalho.

Palavras-chave: fragmentação, construção de identidade, hibridismo, pós-colonialismo, diáspora.

Introdução

É bastante seguro afirmar que com todas as modificações de nosso mundo atual as sociedades contemporâneas encontram-se, de uma forma geral, bastante fragmentadas. Esta situação se deve, em grande parte, ao fenômeno da globalização e à ocorrência de vários movimentos migratórios, não só em nível local, mas especialmente em nível global. Tais movimentos são conhecidos como as atuais **diásporas**.

De acordo com o teórico dos Estudos Culturais James Clifford,

as diásporas geralmente pressupõem grandes distancias, e separação como em um exílio: um grande taboo em relação ao retorno, ou até mesmo o adiamento desse retorno para um futuro remoto. As Diásporas também interconectam comunidades múltiplas e populações dispersas (1997: 246)

e tal fenômeno figura-se indubitavelmente como sendo de fundamental importância para o estudo e a análise das sociedades contemporâneas, uma vez que esse contato entre múltiplas comunidades com diferentes culturas e costumes como mencionado por Clifford, leva à fragmentação do sujeito participante em todo esse processo. Ainda tentando entender o processo diaspórico é válido citar Bill Ashcroft que definiu diáspora de forma bastante interessante e compreensível como sendo “o movimento voluntário ou forçado de pessoas da sua terra natal para novas regiões” (ASHCROFT, 1998. p.68) que vem a ser “um fato histórico central da colonização” (ASHCROFT, 1998. p.69).

O fenômeno das diásporas, juntamente com a característica globalizante do mundo contemporâneo, exerce uma forte e decisiva influência sobre a constituição do sujeito que vivencia essa realidade de constantes contatos e divergências culturais. Esse sujeito é chamado por Stuart Hall de sujeito pós-moderno também conhecido como pós-colonial, que geralmente é analisado em relação ao sujeito moderno, também chamado de *sujeito cartesiano* por Hall. Nas palavras do referido teórico, este seria definido como um “sujeito racional, pensante e consciente, situado no

centro do conhecimento” (2006: 27). Ainda, de acordo com Hall, o chamado *sujeito pós-moderno* seria exatamente o oposto do *sujeito cartesiano*, sendo caracterizado fundamentalmente pela sua fluidez e fragmentação.

Ao falarmos da fragmentação do sujeito pós-moderno, é ainda extremamente importante mencionar a teoria de Homi Bhabha que apresenta tal como sendo “in-between” e tentando negociar entre as culturas e costumes em que ele sobrevive. Para Bhabha nós nos encontramos em um momento de transito onde espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas cujas identidades são extremamente fragmentadas e em um constante processo de construção, e exatamente por isso, levando a uma certa sensação de desorientação e algumas vezes até mesmo de exclusão. (BHABHA, 1994. p.2). Desta forma, podemos observar que as teorias de Stuart Hall e Homi Bhabha são bastante complementares e se corroboram mutuamente no que diz respeito ao sujeito pós-moderno.

Considerando ainda as principais idéias dos teóricos acima, faz-se conveniente ressaltar uma série de conceitos altamente importantes dos Estudos Culturais, a saber, a **fragmentação**, as **identidades em trânsito**, e a **hibridização do sujeito pós-moderno**. Sem dúvidas, esses podem ser considerados como conceitos norteadores no que concerne ao processo de caracterização e análise de tal sujeito.

Partindo das considerações teóricas feitas até então, analisaremos alguns fragmentos da obra *A Raisin in the Sun*, uma peça escrita pela escritora Afro-Americana Lorraine Hansberry no ano de 1959. Nosso objetivo com essa análise é relacionar os conceitos teóricos até aqui trabalhados com a rica obra em questão. Para tal, teremos como foco a personagem Beneatha que vem a ser um exemplo bastante claro de sujeito pós-colonial por apresentar muitas das características descritas por estudiosos do assunto e se enquadrando também nas idéias desenvolvidas até então.

Por fim, é importante ressaltar que a análise aqui procedida, apesar de ser focada em Beneatha, não será limitada apenas a ela, mas englobará outros personagens e elementos da referida obra que vem a apresentar muitas características inerentes ao sujeito diaspórico e sua relação com a sociedade em que vive. Desta forma, será possível realizar um trabalho mais amplo e detalhado da mesma.

1 A Obra

A Raisin in the Sun é uma peça produzida na Broadway em um período no qual ainda não se esperava encontrar negros nas platéias de tal local, e em que havia muito menos espaço para que uma peça de tal porte fosse produzida. Com tudo isso, Hansberry conseguiu não somente produzir tal peça, mas também ser vencedora do prêmio de melhor peça do ano da New York Drama Critics (The Best Play of the Year Award), sendo a primeira autora negra e a quinta mulher a ganhar tal prêmio. Mesmo assim, *A Raisin in the Sun* não se mostra muito conhecida no cenário acadêmico dos Estudos Literários e os estudos sobre tal obra são em geral realizados apenas por pesquisadores que trabalham especificamente com Literatura Afro-Americana. Da mesma forma, Hansberry também não é uma autora bastante conhecida, apesar de ter produzido obras de imensa valia para os Estudos Afro-Americanos e inclusive ter tido a oportunidade de ver um de seus trabalhos – a peça em questão nesse artigo - produzida na Broadway e posteriormente transformada em um filme (traduzido para o português como “O Sol Tornará a Brilhar”). Contudo isso, acreditamos que se faz necessário, então, mostrar brevemente as características principais da obra.

A peça conta a história da família Youngers, cheia de sonhos e planos para a quantia de dez mil dólares que receberia de um seguro de vida pertencente ao seu patriarca recentemente morto, Mr. Younger. Cada membro da família tinha um plano diferente para o dinheiro, gerando a partir de então intensos conflitos a fim de decidir o destino de tal quantia. Quase no fim da peça, Mamma – a responsável pela família a partir da morte de seu marido – decide que a melhor opção para o

dinheiro seria realizar o antigo sonho de ter uma casa própria. Entretanto, a casa escolhida por ela fica situada em um bairro majoritariamente habitado por cidadãos brancos, o que leva a família a sofrer fortes preconceitos antes mesmo da mudança para a casa nova.

Nessa peça, a autora mostra algumas das dificuldades enfrentadas pelos afro-americanos através da família Youngers. Em seu trabalho, torna-se fácil entender que essas pessoas participantes do processo diaspórico do mundo contemporâneo constituem-se como um híbrido de duas culturas diferentes que vêm a coexistir, desta forma fazendo com que esses indivíduos sejam caracterizados por possuírem identidades fluidas e em trânsito, o que os leva a ter problemas por não se encaixarem e nem serem aceitos em ambas as culturas nas quais coexistem. Assim sendo, a família Youngers se encaixaria perfeitamente na teoria do sujeito pós-moderno de Stuart Hall, no momento em que o autor defende que

... o ‘sujeito’ do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno (HALL, 2006. p.46).

2 Análises de trechos selecionados

Iremos trabalhar a seguir com alguns trechos específicos da peça. Os referidos trechos serão analisados à luz dos conceitos desenvolvidos até este momento e terão o intuito de ilustrá-los e torná-los mais claros ao leitor, realizando assim uma articulação entre tais conceitos teóricos e obra propriamente dita.

Vamos iniciar com a análise do seguinte trecho¹:

ASAGAI ... Do you remember the first time you met me at school? (...) (*He imitates her*) “Mr. Asagai – I want very much to talk with you. About Africa. You see, Mr. Asagai, I am looking for my *identity!*”

(*He laughs*)

BENEATHA (*Turning to him, not laughing*) Yes –

(*Her face is quizzical, profoundly disturbed*)² (HANSBERRY, 1994. p.62)

É possível observar de forma bastante clara nesta passagem a constante busca da personagem Beneatha pela sua identidade. A título de esclarecimento, Asagai é um personagem que vem da Nigéria para estudar Medicina em uma universidade conceituada nos Estados Unidos, trazendo com ele um conjunto de características de sua ancestralidade de uma maneira bastante forte e marcante para dentro do contexto trabalhado pela peça. Exatamente por essa situação, Beneatha desenvolve com ele uma relação e uma série de diálogos que são fundamentais para incentivá-la no processo de busca pelas suas origens e questionamento quanto à ancestralidade.

A questão da constante busca pela identidade está intrinsecamente relacionada com a fragmentação da personagem. É importante ressaltar que Beneatha se encontra “in-between”, de acordo com a teoria de Homi Bhabha (já mencionada anteriormente). Ao mesmo tempo em que ela vive na sociedade estadunidense e até certo ponto absorve os seus valores, existe nela também um certo movimento de negação dos mesmos e um desejo de retorno à sua ancestralidade. Tal situação pode ser percebida, por exemplo, quando em uma das visitas de Asagai há uma discussão a respeito

¹ A *Raisin in the Sun* ainda não possui uma tradução oficial em língua portuguesa. Assim sendo, todas as traduções dos trechos da referida peça foram feitos de forma livre pelos autores, não devendo, por conta disso, ser considerados como traduções oficiais.

² ASAGAI Você lembra a primeira vez que você me viu na escola? (...) (*Imitando Beneatha*) “Sr. Asagai, eu quero muito falar com o senhor. Sobre a África. Veja bem, Sr. Asagai, eu estou buscando a minha *identidade!* / (*Ele ri*) / BENEATHA (*Virando-se para ele, sem rir*) Sim (*Sua face cheia de perguntas, profundamente perturbada*)

do cabelo da personagem. Faremos uma breve análise comparativa das duas passagens a seguir destacando os pontos anteriormente comentados:

BENEATHA (...) My hair – what’s wrong with my hair?

ASAGAI (*Shrugging*) Were you born with it like that?

BENEATHA (*Reaching up to touch it*) No ... Of course not.

(*She looks back to the mirror, disturbed*)

ASAGAI (*Smiling*) How then?

BENEATHA You know perfectly well now... as crinkly as yours... that’s how.

ASAGAI And is it ugly to you that way?

BENEATHA (*Quickly*) Oh, no – not ugly... (*More slowly, apologetically*) But it’s so hard to manage when it’s, well – raw.

ASAGAI And so to accommodate that – you mutilate it every week?

BENEATHA It’s not mutilation!³ (HANSBERRY, 1994. p.61-62)

ASAGAI ... (*A mock dismissal of the importance of the question*) But what does it matter? Assimilationism is so popular in your country.

BENEATHA (*Wheeling, passionately, sharply*) I am not an assimilationist!⁴ (HANSBERRY, 1994. p.62-63)

Nestes dois trechos, podemos observar uma interessante oposição de idéias. De um lado, no segundo trecho, vemos claramente que Beneatha rejeita com bastante veemência o rótulo de assimilacionista, apesar de Asagai aparentemente encarar tal situação com naturalidade, embora não o pratique. Essa questão do assimilacionismo está intimamente relacionada com os problemas relativos à identidade da personagem, que, pelo menos à primeira vista, parece não corroborar com os valores da sociedade *standard* americana, buscando desta forma uma maior aproximação com os valores relativos à sua ancestralidade.

Por outro lado, no primeiro trecho, vemos que Beneatha não se mostra satisfeita com o seu tipo de cabelo, típico dos afro-descendentes, e tenta de alguma forma modificá-lo da melhor forma possível. Tal elemento figura-se como sendo bastante importante para a peça, uma vez que definitivamente está incluído dentro do processo de questionamento das origens. Dependendo do ponto de vista, tal elemento poderia inclusive ser interpretado como uma tentativa (mesmo que inconsciente) de tentar apagar de alguma forma as marcas de sua ancestralidade, o que se opõe extamante à sua visão quanto contra o assimilacionismo. É importante também prestar muita atenção ao fato de que os comentários de Asagai, ainda no primeiro trecho, deixam Beneatha confusa e hesitante. Além disso, quando ele utiliza o verbo “mutilar”, ela se mostra até bastante transtornada.

Assim sendo, vemos que a oposição mostrada nessas duas passagens contribui para corroborar a fragmentação e o estado de “in-between” presentes na personagem de Beneatha, uma vez que é possível ver que ela se encontra bastante confusa, indecisa e em trânsito com relação à forma como ela encara sua ancestralidade.

³ BENEATHA (...) Meu cabelo, o que tem de errado com meu cabelo? / ASAGAI Você nasceu com ele assim? / BENEATHA (*Tocando o seu cabelo*) Claro que não (Ela se olha no espelho, perturbada) / ASAGAI (*Sorrindo*) Então? / BENEATHA Você sabe muito bem ... exatamente como o seu ... foi assim. / ASAGAI E você acha ele feio assim? / BENEATHA (*Respondendo rapidamente*) Oh, não. Feio, não. (*Falando com mais calma e cuidado*) Mas é tão difícil mexer nele quando ele está assim, bem – natural. / ASAGAI E para ajeitar, você mutila o seu cabelo toda a semana? / BENEATHA Não é mutilação!

⁴ ASAGAI (*Caçoando da pergunta*) Mas o que isso importa? Assimilacionismo é tão comum no nosso país. / BENEATHA (*Falando com vontade*) Eu não sou assimilacionista!

Em um outro momento da peça, novamente influenciada por Asagai, Beneatha se pega vestindo roupas típicas do povo Nigeriano e dançando músicas também peculiares de tal grupo. Isso acontece porque Asagai a presenteia com alguns discos e a roupa, e a ensina a usá-los:

BENEATHA (*Stalling this particular conversation. Her hands pressed together, in a deliberately childish gesture*) what did you bring me?

ASAGAI (*handing her the package*) Open it and see

BENEATHA (*Eagerly opening the package and drawing out some records and the colorful robes of a Nigerian woman*) Oh Asagai!...You got them for me! How beautiful...and the records too! (HANSBERRY, 1994. p.61)⁵

No trecho anteriormente apresentado, é possível observar que Beneatha gostou do presente que recebeu de Asagai e quis imediatamente vestir as roupas. Entretanto, nos parece que nesse primeiro momento ela não tem muita consciência da importância e do simbolismo de tal ato. Logo após Asagai deixar a casa de Beneatha, ela começa a dançar as músicas do disco trazido por ele, ainda vestida no costume Nigeriano que ela recebeu de presente. Nesse momento, podemos ver de modo bastante claro a fragmentação de tal personagem e a busca por suas origens.

É conveniente comentar também as diferentes reações que tal dança despertou de alguns personagens. Como já foi visto no trecho acima citado, Beneatha se mostrou bastante feliz com o presente que recebeu, tanto que já quis usá-lo imediatamente. Por outro lado, a primeira impressão de Ruth não pareceu ser muito boa, tendo olhado o costume nigeriano com certa estranheza. George, inclusive, não gostou definitivamente da cena que presenciou no momento em que chegou na casa deles (pai e filha dançando juntos) e achou aquela situação completamente ridícula, tendo inclusive se dirigido de uma forma bastante ríspida aos dois para que eles parassem com aquela dança e que Beneatha se desfizesse logo daquela vestimenta.

Um outro aspecto importante dentro da fragmentação de Beneatha está associado com a questão da religião. De uma maneira geral, a família Younger se apresenta como sendo protestante, o que fica mais fortemente representado no personagem de Mama. Entretanto, é possível ver que Beneatha se opõe a essa posição da família e em alguns momentos chega a discutir com Mama, como se pode ver no trecho abaixo:

MAMA (Kindly) 'Course you going to be a doctor, honey, God willing.

BENEATHA (Drily) God hasn't got a thing to do with it.

MAMA Beneatha – that just wasn't necessary.

BENEATHA Well – neither is God. I get sick o f hearing about God.

MAMA – Beneatha!⁶

Percebe-se então, que além de não se considerar assimilacionista e optar pela busca por suas origens, dessa forma tendo problemas para se encaixar na sociedade em que vive, Beneatha também não se encaixa muito bem em sua própria família, já que cada pessoa possui um posicionamento diferente. O irmão se mostra totalmente assimilacionista e em busca do sonho americano, não aceitando as atitudes de sua irmã. Sua mãe, embora tente compreendê-la, defende com veemência suas crenças religiosas, vindo a enfrentar conflitos com sua filha por esse motivo. E para completar

⁵ BENEATHA (*Fazendo uma pequena pausa na conversa. Suas mãos juntas, apertadas, como num gesto de criança*) O que você me trouxe? / ASAGAI (*Entregando o pacote a ela*) Abre e vê. / BENEATHA (*Abrindo o pacote ansiosamente e tirando dele alguns discos e as vestimentas coloridas de uma mulher nigeriana*) Oh, Asagai! Você me trouxe isso! Que lindo... e os discos também!

⁶ MAMA (*Docemente*) É claro que você vai ser médica, meu amor, se Deus quiser. / BENEATHA (*Duramente*) Deus não tem absolutamente nada a ver com isso. / MAMA Beneatha, isso que você falou era totalmente desnecessário. / BENEATHA Bem, Deus também é. Aliás, já estou cheia de ouvir falar sobre Deus. / MAMA Beneatha!

o cerco de conflitos que a rodeiam ainda temos seus dois 'amigos' George e Asagai que defendem posições totalmente diferentes e deixam-na completamente confusa em muitas ocasiões.

Em virtude de todas as passagens que foram trabalhadas até aqui, é possível ver claramente que a personagem de Beneatha é um sujeito híbrido, que não pode ser intitulada nem como Americana e nem como Africana, pois ela possui traços de ambos os povos e ambas as culturas. Seu cabelo "mutilado" como descrito por Asagai, pode ser visto como um traço da sua assimilação da cultura Americana e negação das suas origens. Enquanto, em contrapartida, a música, as roupas e a maneira como ela se sentiu à vontade no momento da dança, mostram que ela ainda possui características relacionadas ao seu povo. Isso é exatamente o que Hall define como "a identidade em trânsito do sujeito pós-moderno" que vive em um *third place*, ou como definido por Bhabha, sujeitos *in-between* em busca de sua identidade fragmentada e em trânsito.

Iremos partir agora para a análise de um outro elemento também fundamental dentro do contexto da peça: a questão da opressão. Essa questão é tratada de forma bastante clara e direta através da figura de Mr. Lindner. Dentro da peça, esse personagem tem a função de ir conversar com a família Younger no intuito de tentar convencê-los a não comprar uma casa em um bairro tradicionalmente habitado por brancos. Para tal, ele oferece um cheque para a família no valor da casa, sugerindo que eles comprem uma casa em algum outro lugar. Vejamos o trecho abaixo:

LINDNER: You see – in the face of all the things I have said, we are prepared to make your family a very generous offer... (...) Our association is prepared, through the collective effort of our people, to buy the house from you at a financial gain to your family. (HANSBERRY, 1994. p.118)⁷

Através dessa atitude, fica extremamente clara a opressão sofrida pela família Younger, motivada pela discriminação e pelo racismo presentes naquela sociedade onde eles vivem. De acordo com esta visão, o personagem de Mr. Lindner poderia ser inclusive interpretado como uma espécie de metáfora da opressão enfrentada pela comunidade negra.

Essa mesma questão pode também ser vista no seguinte trecho:

WALTER - Paper come? (Ruth points impatiently to the rolled up Tribune on the table, and he gets it and spreads it out and vaguely reads the front page) Set off another bomb yesterday. (HANSBERRY, 1994. p.26)⁸

A título de esclarecimento, a referida bomba foi lançada exatamente no bairro para onde os Youngers pretendem se mudar, em represália à vinda de uma outra família negra para aquele lugar. Tal atitude demonstra o quão nociva pode ser uma manifestação de preconceito naquela sociedade, o que reforça ainda mais a opressão sofrida pela família. Vale ainda comentar que tal fato tem caráter autobiográfico, já que a autora da peça, Hansberry, sofreu preconceitos e ataques semelhantes em sua infância, quando seus pais decidiram por mudar para um bairro habitado por cidadãos brancos em Chicago.

Conclusão

Assim, em virtude de tudo o que foi apresentado anteriormente, vemos que se mostra bastante evidente a questão da fragmentação e a da construção de identidades na peça afro-americana *A Raisin in the Sun*. Através de uma teorização de uma série de conceitos importantes relacionados aos Estudos Culturais e de uma articulação teórica entre os mesmos, tornou-se possível

⁷LINDNER - Pois é, em face das coisas que eu disse, nós estamos dispostos para fazer uma generosa oferta à sua família... (...) Nossa associação está disposta, através de um esforço coletivo das nossas pessoas, a comprar a casa a um preço maior do que ela vale.

⁸WALTER - Já chegou o jornal? (Ruth aponta impacientemente para o The Tribune enrolado sobre a mesa. Walter pega o jornal e lê a primeira página por alto) Jogaram outra bomba ontem.

chegar a parâmetros de análise para a peça em questão. Os trechos selecionados e suas respectivas análises mostraram claramente a relação existente entre a teoria aqui trabalhada e a referida obra literária.

Desta maneira, faz-se necessário que tenhamos um outro olhar sobre as obras literárias produzidas na pós-modernidade, tendo conhecimento das principais teorias relativas a tal período, assim como seus autores mais importantes, para que as referidas obras e seus personagens possam ser corretamente analisados e para que se possa explorar de maneira abrangente toda a complexidade e fragmentação que os caracterizam.

Referências Bibliográficas

- [1] ASHCROFT, B. *et al*, eds. *Post-Colonial studies: The Key Concepts*. London: Routledge, 1998
- [2] BERUTTI, E. (org) *Feminismos, identidades, e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa: Volume III*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005
- [3] BHABHA, H.K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994
- [4] CLIFFORD, J. “Diasporas”. In: *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard UP, 1997.
- [5] GATES, H. L. *Loose Canons – notes on the Culture Wars*. New York: Oxford University Press, 1992
- [6] GUEDES, P. (org) *Feminismos, identidades, e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa: Volume V*. Rio de Janeiro: Elphos, 2007
- [7] HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006
- [8] HANSBERRY, L. *A Raisin in the Sun*. New York: Vintage Books, 1994
- [9] MATTELARD, A.; NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004
- [10] MAUFORT, M. *Staging Difference: Cultural Pluralism in American Theatre and Drama*. New York: Peter Lang, 1996
- [11] SALGUEIRO, M.A.A. (org) *Feminismos, identidades, e comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa: Volume IV*. Rio de Janeiro: Caetés, 2006

Autores

¹ **Rafael MACHADO GUARISCHI, Mestrando**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Instituto de Letras

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida F. Andrade Salgueiro

E-mail: rmgrij@yahoo.com.br

² **Marcela IOCHEM VALENTE, Mestranda**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Instituto de Letras

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida F. Andrade Salgueiro

E-mails: marcellaiv@ig.com.br; teachermiv@hotmail.com